

Sobre *O homem unidimensional*, de Herbert Marcuse:
entrevista sobre concedida em Frankfurt, 23 de dezembro de 2014

Peter-Erwin Jansen (PEJ) e Detlev Claussen (DC)

PEJ: *A primeira edição americana de O homem unidimensional, de Herbert Marcuse, foi publicada em 1964. Três anos depois, a editora Luchterhand publicou uma tradução alemã de Alfred Schmidt. Em 1964, quando o livro veio a público nos Estados Unidos, ninguém podia imaginar quão importante ele se tornaria para as revoltas de 1968 em todo o mundo. Leo Löwenthal, amigo de Marcuse, já prognosticara, ao então decano do Departamento de Filosofia em San Diego, que a obra viria a receber grande reconhecimento da comunidade científica¹. Qual foi, afinal, a importância de O homem unidimensional para vocês no SDS² e o que tornou o livro tão importante nesses anos?*

DC: Em 1968, surpreendentemente, *O homem unidimensional* tornou-se um *bestseller*, sobretudo na França e na Itália. Estimo que na Alemanha ele foi lido mais intensivamente, embora por não muitas pessoas. As pessoas queriam saber o que havia por trás das revoltas de estudantes e trabalhadores que se alastravam por todo o mundo: Paris, Berkeley, Berlin, Frankfurt, México, Praga, Roma etc. Rapidamente elas perceberam que o livro não lhes instruiria a esse respeito – trata-se, nesse sentido, de um livro muito norte-americano, que não agradou nem à esquerda tradicional nem ao operariado radical. Marcuse vivera apenas um curto verão na República Federal da Alemanha, em 1967, onde sua obra era massivamente recebida. Mais lidos pela maioria das pessoas, no entanto, eram seus opúsculos. Antes disso, *O homem unidimensional* já fora lido e discutido em pequenos grupos da SDS – particularmente a assim chamada “teoria dos grupos marginais” e a crítica ao *pathos* proletário de grupos sectários comunistas ortodoxos. Marcuse tentara associar a experiência americana, também vivida por Adorno e Horkheimer, com uma intervenção ativa nas relações do presente. Por isso ele veio no verão de 1967 para Berlin³ e então para Frankfurt. Nos círculos ao redor de Rudi Dutschke e Hans-Jürgen Krahl, encontrou ouvintes e interlocutores atentos. A amizade com Dutschke durou até a morte de Marcuse, em julho de 1979.⁴

1 Carta de Leo Löwenthal a Richard H. Popkin, 31 de março de 1964, Löwenthal Archive, University Library, Frankfurt.

2 “Sozialistischer Deutscher Studentenbund”, Liga Socialista Alemã de Estudantes, foi uma organização política estudantil da Alemanha Ocidental que vigorou de 1946 a 1970. Após seu distanciamento do Partido Social-Democrático da Alemanha, a organização adquiriu relevância sobretudo junto ao movimento estudantil da década de 1960 (Nota do tradutor).

3 Cf. MARCUSE. *Das Ende der Utopie*. Vorträge und Diskussionen in Berlin 1967. Frankfurt/M.: Verlag Neue Kritik, 1980.

4 Cf. “Briefwechsel Dutschke/Marcuse”, in MARCUSE, *Die Studentenbewegung und ihre Folgen*, Band 4 der nachgelassenen Schriften. Herausgegeben und mit einem Vorwort von P.-E. Jansen. Springe: zu Klampen Verlag, 2004;

PEJ: *Como você interpreta, hoje, a crítica de Marcuse à sociedade unidimensional?*

DC: Em 1978, quando visitei Angela Davis em Oakland, constatamos, perplexos, que *O homem unidimensional* se tornara ainda mais atual. Quando nos encontramos novamente em Frankfurt, em 2013, tivemos novamente essa impressão. Em 1967, em contraposição a todos entusiastas e turistas da revolução, Marcuse já havia verificado que não havia mais um „fora do capitalismo“ – e isso em Berlim, quando da construção do muro. Hoje o muro não existe mais e todos podem ver que não há alternativa à dominação capitalista. Nos encontramos novamente frente à tarefa de sísifo de produzir uma subjetividade crítica supraindividual. O neoliberalismo produz globalmente a percepção de desigualdade social; é muito mais fácil reconhecer o que têm em comum o trabalho corporal na Alemanha e na China assim como o intelectual na Índia e nos Estados Unidos – e, apesar disso, todos concorrem entre si. Enquanto os trabalhadores braçais vivenciam um sentimento de impotência, os trabalhadores intelectualizados, que trabalham em frente às telas dos computadores, vivenciam um sentimento de pseudossoberania. Assim como o socialismo foi uma ilusão no último terço do *short century* (1917-1989), assim é o caso hoje com o capitalismo liberal, devorado inteiramente pelo neoliberalismo canibal. O grande par de contraditórios da sociedade civil do *long century* (1789-1914), socialismo e liberalismo, não existe mais. Ambos desgastaram-se durante o *short century*. Completa unidimensionalidade: esta foi a *conditio sine qua non* do pensamento de Marcuse, o ímpeto de buscar algo novo.

Em um mundo quase totalmente dominado pela indústria cultural, é difícil criar o novo – novo este que seja mais que um produto de decomposição do velho. O conceito de „indústria cultural“, da *Dialética do esclarecimento*, é retomado em *O homem unidimensional*. Ele remete à tendência totalitária no interior da sociedade desprovida de alternativas que gosta de se ver como antitotalitária, pragmática e não-ideológica.

PEJ: *É interessante que, nos anos sessenta, apenas poucos protagonistas da década se manifestaram explicitamente – quero dizer, com declarações por escrito – sobre a obra de Marcuse. Um desses protagonistas, que reagiu a um ataque desqualificado de Rolf Hochhuth contra Marcuse na revista “Konkret”, foi Hans-Jürgen Krahl. Em suas “Cinco teses sobre Herbert Marcuse como teórico crítico da emancipação”, trata-se, para além da crítica ao “conceito de revolução” de Marcuse – Krahl o caracteriza como “ignorância à respeito de uma realpolitik revolucionária” –, sobretudo de uma reconstrução solidária de um conceito de emancipação rebelde em Marcuse. Krahl escreve: “Emancipação não é a libertação das máquinas técnicas, mas a libertação dos*

homens sociais”. Pouco se conhece desta discussão entre Marcuse e Krahl. Como você interpreta a sentença de Krahl no contexto de *O homem unidimensional*?

DC: A partir da crítica de Krahl a Marcuse, pode-se depreender o impasse em que caíram os movimentos dos anos sessenta. De uma revolta global com raízes muito variadas criou-se uma situação pré-revolucionária que não estava dada de nenhuma forma. Assim como Marcuse, Krahl estava consciente de que os grupos marginais não poderiam modificar a sociedade em sua essência. Uma nova sociedade não pode ser criada por meras vítimas do antigo sistema. A vivência das forças destrutivas no processo de modificação social já começara em 1969. O terrorismo surgiu de uma fetichização da revolução e da violência em tempos não-revolucionários. Ambos, Krahl e Marcuse, recusaram-na veementemente. Um retorno às categorias tradicionais da luta de classes tampoco entrara em questão. Krahl faz um pouco de alarde ao criticar a miséria da Teoria Crítica e de Marcuse por não disporem de uma „realpolitik revolucionária“ apropriada; pois todos os movimentos estudantis no Ocidente não conseguiram manter adequadamente suas promessas de transformação da sociedade de classes. Seu melhor pensamento foi ainda o da “grande marcha das instituições”, de que Krahl, falecido em 1970, não pode mais participar. Neste momento, os novos desafios teóricos não se apresentavam claramente. Um contexto de crise do capital ainda não era tão palpável naquela época como na crise financeira de 2009. Naquele momento, observávamos as últimas palpitações do sistema colonial e, simultaneamente, o surgimento de um mundo sem lembrança. Ninguém desconfiava que uma nova *invention of tradition* por meio de uma indústria cultural universal era iminente. “Integração” foi a palavra-chave logo encontrada. A pressão exercida pela assimilação cresceu enormemente desde então. A realidade de um mundo administrado conectou *O Homem unidimensional* com a *Dialética do esclarecimento*; tratava-se, há cinquenta anos, de antecipações teóricas de um estado de coisas que temos agora de lidar definitivamente.

PEJ: Isso me parece intimamente relacionado à crítica a um conceito unilateral de razão, que perdeu o conteúdo crítico de um conceito de razão mais enfático, proveniente da época do Iluminismo. Sob a economia capitalista, uma razão unidimensional, “instrumental” fez-se impor. Max Horkheimer escrevera em seu prefácio à obra “Crítica da razão instrumental”: “O progresso dos meios técnicos é acompanhado por um processo de desumanização”⁵. Isso lembra muito o prefácio de Marcuse. Ambos autores interpretam a “crise da razão” como uma “crise do indivíduo”. Horkheimer: “O indivíduo apreendia a razão exclusivamente como um instrumento do

5 Horkheimer, Max (1985): *Zur Kritik der instrumentellen Vernunft*, Frankfurt/M., Fischer Verlag, S. 7

eu”. Aqui, no que concerne à sua crítica negativa, Marcuse e Horkheimer estão muito próximos: “No momento de sua consumação, a razão tornou-se irracional e burra”⁶. O manuscrito encontrado na Brandeis University apresenta algumas diferenças em relação ao livro publicado. Na maioria das vezes são apenas palavras esparsas ou corrigidas. Apenas na análise da arte como encarnação de um potencial utópico pode-se encontrar maiores variações entre ambos. No conjunto, parece-me que há, tanto na crítica à cultura de massas quanto a um conceito politizado de arte, uma proximidade surpreendente à Dialética do esclarecimento, de Horkheimer e Adorno. Como você vê isso e quão próximos estão, na sua opinião, O homem unidimensional e a Dialética do esclarecimento?

DC: Como você já mencionou, Horkheimer, Adorno e Marcuse perseguiram os mesmos interesses teóricos de 1944 a 1964. Então, como todos sabem, suas respectivas reações aos protestos foram muito diversas. Para além das diferenças de temperamento, isso estava relacionado também com as diferenças entre o movimento alemão e o americano. A Alemanha foi determinada pela preponderância do passado nacional-socialista e pela presença imediata da guerra fria, ao passo que os Estados Unidos se viram enredados em uma guerra no Vietnã e deviam encarar diretamente a renegada presença do racismo. Ambas sociedades, que se embriagavam com sua racionalidade técnica, possuíam pontos cegos em relação com seu passado que poderiam ser aclarados com ajuda do potencial epistêmico emancipatório da filosofia tradicional. Vivemos a “crítica da razão instrumental” na própria carne – a internet, que poderia ser um elemento para comunicação e união da humanidade, transforma-se em instrumento de controle, vigilância e dominação totais.

PEJ: Agora que sabemos o que significam as “Feindanalysen”⁷ de Marcuse do ponto de vista do conteúdo, você vê alguma relação entre elas e a crítica presente em O homem unidimensional? Menciona-se ali, por exemplo, o conceito de “Gleichschaltung”⁸, que Marcuse utiliza repetidamente em suas análises do OSS⁹ como qualificação da sociedade nacional-socialista.

DC: Como já mencionado: os teóricos críticos encararam os horrores da época em que viveram – sobretudo o nacional-socialismo e o stalinismo – como tendência de uma modernidade social independentemente de particularidades nacionais. Na instrumentalização da razão está

6 Ibidem, p. 124

7 Referência à obra de Marcuse *Feindanalysen: Über die Deutschen (Análises de Inimigo: sobre os alemães)*, sem tradução brasileira (Nota do tradutor).

8 Literalmente “homogeneização”, “unificação”, “colocar na linha”, trata-se de um termo utilizado pelos nacional-socialistas que denotava o processo e as instituições de controle, organização e unificação da vida política e cultural alemã sob o regime desde 1933 (Nota do tradutor).

9 “Office of Strategic Services” foi o serviço de inteligência estadunidense durante a Segunda Guerra Mundial. (Nota do Tradutor).

potencialmente incluída a universalização da dominação total. Mas o que importa é a diferença específica. Nem todos os sistemas são iguais. Hoje não há, no entanto, um “fora” do sistema.

PEJ: *Parece-me que o caráter de unidimensionalidade da sociedade deslocou-se de um plano político e cultural, como Marcuse o analisa, para uma unidimensionalidade econômica. Quase todos âmbitos sociais são sobrepostos por uma total “economização”, por uma orientação – supostamente desprovido de alternativas – pelo mercado capitalista subsistente, que transcendeu há muito, com a globalização, os limites territoriais da “sociedade tardocapitalista”. O mundo encontra-se em um novo estágio da unidimensionalidade.*

DC: A crítica do mundo do *short century* vivia da diferença da antiga sociedade civil em relação aos horrores do século XX. A marcha do desenvolvimento econômico no *New Age* após 1989 cria um novo sistema, cuja crítica pede uma crítica da economia política renovada. Agora, a tarefa difícil consiste no fato de que, para a maioria dos economistas, a relação com a realidade desapareceu; o crítico deve primeiro reconstruir arduamente uma imagem da economia real para então analisá-la em suas tendências à crise. David Harvey já fez excelentes tentativas nesse sentido. Análises desse tipo conferem renovado fundamento material às críticas da dimensão estética e política. De fato, trata-se de relações fundamentais – a relação modificada de trabalho espiritual e material, tempo e espaço, valor de uso e valor de troca na estrutura da própria mercadoria, realidade e ficção, corpo e espírito. Não podemos mais confiar nos antigos conceitos; temos de trabalhar em novos. Esta é a herança intelectual de *O homem unidimensional*.

PEJ: *Detlev, muito obrigado pela conversa.*

Tradução de Daniel Pucciarelli